

INVESTIGAÇÃO DAS CORES E DA NATUREZA: VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

*RESEARCH ON COLORS AND NATURE: PEDAGOGICAL
EXPERIENCES IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION*

Fabiana Dieli Cassol

Secretaria Municipal de Educação de Ijuí, Rio Grande do Sul, RS, Brasil

Francieli Andreatta Brudna

Secretaria Municipal de Educação de Ijuí, Rio Grande do Sul, RS, Brasil.

Resumo: O presente trabalho apresenta reflexões sobre vivências pedagógicas na Educação Infantil, desenvolvidas por uma acadêmica do curso de Pedagogia/PARFOR da Unijuí durante seu estágio em uma escola municipal urbana de Ijuí, RS. Com base nos documentos orientadores como a Base Nacional Comum Curricular e o Referencial Curricular Municipal, destaca-se a criança como sujeito de direitos, ativa, curiosa e protagonista no processo de aprendizagem. As atividades foram planejadas a partir das observações das crianças da turma do Pré I (4 a 5 anos), considerando seus interesses pelas cores e a natureza. As experiências envolveram a exploração sensorial e lúdica de elementos naturais, como na produção de gelatinas, massinha de modelar e tintas naturais com urucum, terra, café, beterraba, entre outros. Também foram realizadas vivências como a contação da história *O Monstro das Cores* de Anna Llenas, visita ao Bosque dos Capuchinhos e apreciação de obras de arte de Carlos Vergara. Essas práticas buscaram garantir os seis direitos de aprendizagem previstos na BNCC: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. As experiências reforçaram a importância do brincar, da investigação e da escuta sensível do educador, promovendo o desenvolvimento integral da criança e fortalecendo vínculos afetivos, sociais e com o meio ambiente. Com base em autores como Guimarães, Malaguzzi e Fochi, o estudo defende uma pedagogia da escuta, da autoria e da natureza, valorizando o protagonismo infantil, o uso das múltiplas linguagens e o contato direto com o mundo natural como caminhos para uma aprendizagem significativa e transformadora.

Palavras-chave: Afetividade; Aprendizagem Ativa; Criança; Desenvolvimento Integral; Linguagens; Vivências sensoriais;

Abstract: This paper presents reflections on pedagogical experiences in Early Childhood Education, developed by a student of the Pedagogy/PARFOR course at Unijuí during her internship at an urban municipal school in Ijuí, RS. Based on guiding documents such as the National Common Curricular Base and the Municipal Curricular Reference, the child is highlighted as a subject with rights, active, curious and protagonist in the learning process. The activities were planned based on observations of the children in the Pre-1 class (4 to 5 years old), considering their interests in colors and nature. The experiences involved the sensory and playful exploration of natural elements, such as the production of gelatin, modeling clay and natural paints with annatto, soil, coffee, beetroot, among others. Experiences were also carried out, such as the telling of the story *The Color Monster* by Anna Llenas, a visit to the Bosque dos Capuchinhos and appreciation of works of art by Carlos Vergara. These practices sought to guarantee the six learning rights provided for in the BNCC: to live together, play, participate, explore, express and know oneself. The experiences reinforced the importance of play, investigation and sensitive listening by the educator, promoting the integral development of the child and strengthening emotional, social and environmental bonds. Based on authors such as Guimarães, Malaguzzi and Fochi, the study advocates a pedagogy of listening, authorship and nature, valuing children's protagonism, the use of multiple languages and direct contact with the natural world as paths to meaningful and transformative learning.

Keywords: Affection; Active Learning; Child; Integral Development; Languages; Sensory Experiences;

Introdução

Quando falamos sobre conhecer, explorar e vivenciar as descobertas cotidianas na Educação Infantil, devemos iniciar este debate refletindo sobre os documentos norteadores que embasam o trabalho pedagógico nesta etapa de ensino. Deste modo, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2018), a Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica e tem como objetivo o desenvolvimento integral da criança até os cinco anos de idade, englobando seus aspectos físicos, sociais, emocionais, cognitivos e culturais.

Neste sentido, define a criança como um “sujeito histórico e de direitos, que interage, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura” (BNCC, 2018, p. 32). Dessa forma, busca-se proporcionar experiências e vivências que favoreçam a construção da autonomia, criatividade, expressão, conhecimento e convivência, respeitando as necessidades e interesses das crianças. Assim, a Educação Infantil desempenha um papel fundamental na formação de uma base sólida para o aprendizado ao longo da vida.

Ao mesmo tempo, o Referencial Curricular Municipal para a Educação Infantil do Município de Ijuí, RS (2014, p. 15) considera a criança como “[...] um sujeito competente, capaz de pensar, sentir, pesquisar e aprender, de um modo válido e singular, em que crianças e educadores são parceiros no processo de construção da aprendizagem”.

Dessa forma, a Educação Infantil se destaca como a fase das descobertas, em que, por meio da brincadeira, a criança formula hipóteses e expande seu repertório. Nesse processo, ela aprende não apenas sobre si mesma, mas também sobre o outro e sobre o espaço que a cerca, realizando, assim, a sua própria leitura de mundo.

É importante ressaltar que, de acordo com Referencial Curricular Municipal (RCM) (2014), às ações desenvolvidas na Educação Infantil pelo educador devem ter intencionalidade, ou seja, devem ser planejadas de forma a favorecer o desenvolvimento integral da criança, considerando seus interesses, necessidades e potencialidades, e promovendo experiências que estimulem sua curiosidade, reflexão e construção de conhecimentos.

[...] se pensarmos uma criança ativa, exploradora e criadora de sentidos, é preciso pensar um espaço e um educador que deem apoio aos seus movimentos, que incentivem sua autoria e autonomia, que contribuam para a diversificação de suas possibilidades (GUIMARÃES, 2009, p. 94)

Destacamos neste debate a importância de proporcionar às crianças vivências que envolvam ambientes e experiências naturais, por meio de contextos e atividades com significado concreto. Essas experiências permitem que as crianças interajam, investiguem e explorem elementos da natureza, promovendo a ampliação de repertório e a conexão com o mundo ao seu redor.

Embora, a maioria das escolas de centros urbanos não tenham muitos espaços naturais, é possível proporcionar às crianças ambientes e

vivências com elementos da natureza. O contato com a natureza e seus elementos desempenha um papel fundamental no desenvolvimento infantil, proporcionando experiências significativas. Ainda de acordo com o RCM (2014, p. 13):

O contato da criança com a natureza, principalmente através do brincar, possibilita que ela desenvolva autoestima, iniciativa, potencialize suas capacidades de escolhas e tomadas de decisões. Através do contato intenso com os elementos da natureza as crianças exploram e reconhecem o mundo, pelo qual se encantam e se responsabilizam.

Dessa forma, ao brincar e explorar a natureza, as crianças não apenas se divertem, mas também constroem sua autonomia, aprimoram habilidades cognitivas e socioemocionais, e desenvolvem um vínculo afetivo com o meio ambiente, tornando-se mais conscientes com o mundo ao seu redor.

Neste processo, voltamos a ressaltar o papel do professor, que deve mediar e proporcionar espaços externos, abertos e ao mesmo tempo elementos naturais que venham proporcionar a criança o contato com a natureza, para que dessa forma, possa constituir-se como cidadão consciente com aprendizagens realmente significativas que visem a conscientização da preservação e conservação da natureza.

A criança que convive com a natureza, que preserva o meio ambiente, levará durante todo o percurso de sua existência esses princípios. Desta maneira, trazemos neste estudo as reflexões a partir da experiência de estágio vivida pela autora, acadêmica do Curso de Pedagogia/PARFOR da Unijuí, e da Coordenadora pedagógica da Educação Infantil, realizada em escola Municipal urbana no Município de Ijuí. A referida experiência desenvolveu-se a partir de observações e da docência compartilhada com a professora referência da turma do pré I composta por crianças com idade entre 4 e 5 anos.

As vivências propostas a partir da exploração das cores, foram planejadas para sensibilizar as crianças e proporcionar a exploração de diferentes materiais, valorizando os elementos naturais presentes nos ambientes em que vivem. Por meio do contato com diversas texturas, cores, sabores e aromas, as crianças ampliaram seu repertório sensorial e cultural, enriquecendo suas experiências de aprendizagem. Essas interações com elementos da natureza favoreceram o desenvolvimento de habilidades por meio de múltiplas linguagens, garantindo os direitos de aprendizagem previstos na BNCC (2018) e RCM (2014) da educação infantil do

município de Ijuí.

Metodologia

Este manuscrito reflete sobre uma prática vivenciada no cotidiano da Educação Infantil, que ocorreu no segundo semestre de 2023, em uma escola municipal urbana situada no município de Ijuí, em uma turma composta por 20 crianças, sendo 8 meninas e 12 meninos.

A metodologia foi construída a partir das observações realizadas na turma, que permitiram identificar o interesse das crianças pelas cores. O planejamento das atividades foi estruturado com base nessas observações, de forma a atender às curiosidades e questionamentos das crianças. Inicialmente, a sensibilização das crianças para o reconhecimento das cores foi promovida, seguida de uma roda de conversa, na qual as crianças puderam compartilhar seus conhecimentos prévios sobre o assunto, conforme a proposta de Malaguzzi *apud* Carolyn Edwards (2016), que considera os conhecimentos intuitivos das crianças. As propostas de vivências foram elaboradas a partir das contribuições das crianças, levando em conta suas dúvidas e interesses.

O primeiro momento prático envolveu a produção e degustação de gelatinas, uma vivência que permitiu às crianças explorar e vivenciar transformações cotidianas de maneira lúdica e sensorial. Durante o processo de preparação, as crianças puderam misturar o pó da gelatina na água observando a dissolução e sua posterior solidificação ao esfriar. Esse processo químico despertou a curiosidade das crianças sobre como algo pode se transformar fisicamente, levantando muitas hipóteses e dúvidas, ampliando assim sua compreensão de fenômenos naturais. Além disso, a atividade favoreceu o reconhecimento das diversas cores das gelatinas, permitindo que as crianças discutissem e comparassem os tons, os aromas, promovendo a percepção das cores de maneira mais consciente e significativa. A degustação também se tornou um momento de socialização e troca de experiências, em que as crianças não apenas exploraram os diferentes sabores e texturas da gelatina, mas também compartilharam impressões, expressaram preferências e fortaleceram vínculos, tornando a aprendizagem mais significativa.

Dando continuidade às vivências propostas, realizamos a contação da história *O Monstro das Cores* de Anna Llenas (2022) explorando a relação entre as cores e os sentimentos, proporcionando às crianças a oportunidade

de expressar emoções de forma lúdica, promovendo a reflexão sobre suas próprias vivências e ampliando seu repertório emocional e cognitivo.

Outra vivência prática proporcionada às crianças foi a produção de massa de modelar caseira, onde exploramos a receita e as quantidades dos ingredientes, permitindo que as crianças manuseassem, misturassem e escolhessem as cores desejadas, estimulando assim a percepção sensorial por meio das texturas, além de incentivar a autonomia e a criatividade.

Nossa interação com a natureza ganha ênfase com o passeio que realizamos no Bosque dos Capuchinhos, onde as crianças, além de brincarem livremente, puderam interagir, descobrir e explorar as cores vibrantes presentes na natureza. O verde das folhas, o marrom das árvores, o colorido das flores e a luz do sol filtrada entre os galhos que balançavam com o vento despertaram a curiosidade e a sensibilidade das crianças. Brincar em meio à natureza não apenas estimula os sentidos, mas também fortalece vínculos com o meio ambiente, promovendo bem-estar, criatividade e um aprendizado mais significativo sobre o mundo ao seu redor. Durante a atividade, cada criança pôde escolher um local de sua preferência e registrar o momento com uma fotografia, incentivando a observação, a conexão com a natureza e a valorização do espaço ao seu redor. Esses registros visuais e as experiências vividas contribuíram para a construção de memórias afetivas marcantes, reforçando a importância da natureza em seu desenvolvimento e em suas lembranças que terão da infância.

Figura 1: Crianças explorando, sentindo e descobrindo a natureza com curiosidade no Bosque dos Capuchinhos



Fonte: Acervo das autoras.

Durante o processo, as crianças também tiveram a oportunidade de apreciar as obras de arte abstratas do artista Carlos Vergara, explorando suas formas e cores de maneira que despertaram a imaginação e curiosidade. Essas experiências proporcionaram momentos significativos de descoberta, investigação, construção de hipóteses e exploração de diversas possibilidades.

A partir da observação das obras de arte, as crianças ficaram curiosas e entusiasmadas para descobrir, criar e explorar. Foi assim que, inspiradas pelas obras abstratas, elas também criaram sua própria obra de arte.

A produção das tintas naturais com as crianças foi um processo fascinante e cheio de descobertas. Começamos coletando diversos elementos naturais, como terra, erva-mate, beterraba, urucum, cúrcuma e café, com o intuito de explorar suas cores, texturas e possibilidades de uso.

Na sala de referência, as crianças foram questionadas sobre a possibilidade de fazer tinta com a terra ou com a erva-mate, por exemplo. Nesse momento de roda de conversa, surgiram muitos questionamentos e dúvidas, ao mesmo tempo em que novas descobertas e aprendizagens aconteceram.

Os elementos naturais utilizados para a produção de tinta foram a terra, a erva-mate, a beterraba, o urucum, a cúrcuma e o café. Alguns desses elementos eram desconhecidos para as crianças, o que gerou surpresa e muitos questionamentos. Ao explorar esses materiais, elas não apenas ampliaram seu repertório, mas também perceberam a riqueza e a diversidade do mundo natural.

Cada criança teve a oportunidade de tocar, cheirar, experimentar e observar os materiais, fazendo perguntas sobre como poderiam transformá-los em tinta. A primeira etapa foi triturar e amassar os ingredientes, como a beterraba e o urucum, para liberar suas cores. Em seguida, adicionamos água e cola até dar a consistência necessária para a tinta.

A terra, por exemplo, foi misturada com água até formar uma pasta espessa, que resultou em diferentes tons. A erva-mate, ao ser esmagada, liberou um verde suave, enquanto a cúrcuma e o urucum proporcionaram amarelo e laranja vibrantes. O café foi usado para criar um tom marrom mais escuro e o suco de beterraba produziu um roxo intenso.

As crianças estavam empolgadas ao ver as cores surgirem das transformações que fizemos com os elementos naturais. Durante o processo, elas discutiram como as cores poderiam ser usadas em sua obra de arte e compartilharam ideias sobre o que mais poderiam criar com essas tintas. Essa atividade não só estimulou a criatividade, mas também

aprofundou a compreensão das crianças sobre como a natureza pode ser explorada e aplicada de maneira prática. As tintas naturais estavam prontas, e as crianças, em pequenos grupos, começaram a pintar a tela com os tons que criaram, fazendo suas próprias interpretações artísticas com as cores que nasceram da terra e da natureza.

Figura 2: Momento da pintura da tela com as tintas naturais produzidas pelas crianças



Fonte: Acervo das autoras.

Resultados e discussão

De acordo com o RCM (2014), as vivências propostas para as crianças devem garantir os seis direitos de aprendizagem descritos na BNCC (2018), onde cada criança tem direito a *brincar* reconhecido como essencial para o desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e físico; a *conviver*, promovendo o aprendizado através da interação com os outros, respeitando as diversidades; a *participar*, garantindo que as crianças tenham voz ativa em suas escolhas e processos de aprendizagem; a *explorar*, oferecendo oportunidades para o desenvolvimento da curiosidade e da exploração do ambiente natural e social; a *expressar*, permitindo que as crianças se comuniquem através de diferentes linguagens, como a verbal, a corporal e a artística; e a *aprender*, assegurando o desenvolvimento integral e o aprendizado contínuo, em um ambiente que respeite as necessidades individuais e coletivas.

Esses direitos, quando bem garantidos, formam a base de uma

Educação Infantil de qualidade, permitindo que as crianças desenvolvam suas potencialidades de maneira plena e significativa. Ao assegurar esses direitos, estamos promovendo uma aprendizagem que valoriza a autonomia, a criatividade, a sociabilidade e o pensamento crítico, formando cidadãos conscientes e preparados para enfrentar os desafios do futuro.

As vivências que proporcionamos às crianças ofereceram momentos de escuta, pesquisa, criação, expressão oral e corporal. Segundo Malaguzzi apud Carolyn Edwards (2016), as crianças são cem linguagens e devem ser respeitadas em todas as suas formas de se comunicar com o mundo. Elas precisam ter seus direitos respeitados, serem ouvidas, seus interesses precisam ser explorados, isso, para que possam promover escolhas para iniciar a aprendizagem social, afetiva e cognitiva.

Assim, destacamos a importância de nossa prática pedagógica, que teve como ponto de partida a escuta das crianças, permitindo que se tornassem protagonistas, pesquisadores e exploradores. De acordo com o RCM (2014, p. 22):

Através do olhar e da escuta sensível o educador cria contextos para que novas descobertas e teorias sejam construídas pela criança. Escutar a criança não pode ser entendido como “deixar livre” ou “seguir tudo o que as crianças estão propondo”. As DCNEI e a BNCC esclarecem que escutar é compreender as necessidades da criança e saber traduzi-las em situações de aprendizagem, portanto, está diretamente ligada à concepção de criança e a intenção do adulto.

A criança necessita vivenciar, se apropriar, criar e recriar suas experiências, a partir dos estímulos que recebe na interação com o ambiente, com os educadores e com seus colegas. Assim, elas experimentaram, conviveram e se envolveram de forma ativa nas vivências propostas, com o propósito de ampliar seus conhecimentos, promovendo o autoconhecimento, o respeito ao outro e à natureza. Neste mesmo sentido, de acordo com Fochi (2015, p. 115): “As crianças aprendem porque querem compreender o mundo em que vivem, dar sentido às suas vidas. As crianças vivem de modo narrativo suas brincadeiras, pois elas formulam e contam histórias ao mesmo tempo em que dramatizam”.

Nesta perspectiva, crianças que experienciam diferentes vivências, que são desafiadas a criar e a refazer, serão os tão sonhados jovens protagonistas que saberão lidar com as condições adversas.

Essa abordagem favorece o desenvolvimento de competências essenciais para a vida, como a resolução criativa de problemas, a capacidade

de adaptação e a cooperação. Ao serem estimuladas a experimentar, explorar, criar e buscar soluções, as crianças adquirem habilidades que vão além de conteúdos acadêmicos, desenvolvendo uma mentalidade resiliente e inovadora. Assim, essas vivências ajudam a formar indivíduos não apenas competentes, mas também capazes de transformar as adversidades em oportunidades de crescimento. Com o tempo, essas crianças tornam-se cidadãos mais conscientes de seu papel no mundo, preparados para construir um futuro mais justo e colaborativo, ao mesmo tempo em que continuam a aprender e a se desenvolver ao longo de toda a vida. De acordo com Piaget (1978, p. 246):

A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores, a segunda meta é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo o que a elas se propõe.

Nesta proposta, o papel do professor esteve focado em proporcionar às crianças momentos de descobertas, no olhar e escuta sensível, oferecendo contribuições para o desenvolvimento cognitivo, físico - motor, social e afetivo. Ele é quem oferece apoio às crianças, realiza a mediação quando necessário, sem apresentar respostas prontas, mas criando oportunidades, contextos, momentos e um ambiente favorável para que elas ampliem o conhecimento.

Outro fator que consideramos importante é a afetividade, esta, vai muito além das trocas carinhosas, está diretamente ligada ao processo de aprendizagem, aprendemos com facilidade e prazer quando criamos vínculos afetivos. Segundo Bueno (2018), o afeto está diretamente envolvido nas escolhas do professor, desde o planejamento até a avaliação, é ele que caracteriza os espaços da sala de referência.

Não podemos deixar de mencionar a interação da criança com a natureza, pois a mesma desempenha um papel essencial no seu desenvolvimento, pois possibilita a construção ativa do conhecimento a partir da exploração, da interação e da criatividade. De acordo com Vigotsky (1998, p. 117), “o aprendizado desperta uma série de processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar apenas quando a criança interage com seu ambiente e com aqueles ao seu redor”.

Ao vivenciarem um ambiente natural na primeira infância, as crianças exploraram seus elementos, descobriram suas cores, texturas, formas, cheiros, e aos poucos passaram a se sentir parte desse espaço. O

contato com a terra, a erva mate, a beterraba, o urucum, a curcuma e a água ampliaram as possibilidades de aprendizagem, despertando a curiosidade e incentivando a observação atenta do meio ao seu redor. Durante essas interações, elas investigaram, experimentaram, levantaram hipóteses e construíram respostas de forma coletiva.

A natureza proporcionou um ambiente dinâmico e desafiador, onde as crianças correram, pularam, escalaram e testaram seus próprios limites. Cada elemento natural se transformou em um recurso para a imaginação e a criatividade, permitindo a criação de novas brincadeiras, experiências e desafios. Dessa forma, além de favorecer o desenvolvimento motor e cognitivo, a vivência em espaços naturais e com elementos da natureza enriqueceu o repertório das crianças e fortaleceu a conexão com o mundo ao seu redor.

Além disso, o trabalho em grupos pequenos favoreceu o aprimoramento de habilidades sociais, como empatia, respeito e cooperação. Durante as vivências e as interações, as crianças formaram laços afetivos e descobriram afinidades, o que também se refletiu nas brincadeiras, no pátio e na sala de referência. As vivências criaram um ambiente de aprendizado colaborativo, onde as crianças trocavam ideias, hipóteses e descobertas, valorizando suas diferenças individuais. Esse ambiente acolhedor contribuiu para o desenvolvimento cognitivo e social, ao mesmo tempo em que fortaleceu os vínculos de amizade e interação entre elas.

Considerações finais

A realização dessa prática possibilitou a compreensão mais ampla sobre o papel da Educação Infantil no desenvolvimento integral das crianças e a importância da interação com a natureza nesse processo. Evidenciou-se que, para que esse desenvolvimento ocorra de maneira significativa, o educador deve atuar como mediador, proporcionando experiências que despertem a curiosidade e o interesse das crianças. Isso significa planejar vivências conectadas ao cotidiano infantil e ao ambiente natural, criando oportunidades para que as crianças explorem, questionem e ampliem seus conhecimentos de forma ativa. O contato com elementos naturais, como terra, água, sementes, amplia as possibilidades de aprendizado, estimulando a criatividade, a autonomia e a descoberta. Além disso, um ambiente rico em estímulos naturais favorece interações significativas e contribui para

o desenvolvimento de habilidades essenciais, como pensamento crítico, motricidade e afetividade.

A prática vivenciada reforçou a ideia de que a docência é um processo contínuo de aprendizado e transformação. Nesse sentido, essa experiência foi fundamental para nossa trajetória profissional, pois ampliou nossa visão sobre o ensino e o aprendizado na Educação Infantil. O contato direto com a natureza e com as crianças proporcionou momentos gratificantes de interação e descoberta, mostrando como os espaços naturais são essenciais para o desenvolvimento infantil. A partir dessas vivências, nossa prática pedagógica será ressignificada, mais consciente e atenta às reais necessidades da infância e à importância de um ambiente natural e estimulante.

Esse processo de formação reafirma a necessidade de um olhar sensível para a infância, reconhecendo as crianças como protagonistas de suas aprendizagens e a natureza como um espaço de infinitas possibilidades educativas. A interação com os elementos naturais evidenciou o quanto é essencial proporcionar experiências ao ar livre, onde as crianças possam explorar, experimentar e construir seus próprios conhecimentos de maneira autônoma e significativa.

Referências

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação, 2018.

BUENO, Marcelo Cunha. **No chão da escola**: por uma infância que voa. Cachoeira Paulista, SP: Editora Passarinho, 2018.

FOCHI, Paulo S. Ludicidade, continuidade e significatividade nos campos de experiência. In: FINCO, Daniela; BARBOSA, Maria Carmen Silveira; FARIA, Ana Lucia Goulart de (orgs.). **Campos de experiência na escola da infância**: contribuições italianas para inventar um currículo de educação infantil brasileiro. Campinas, SP: Leitura Crítica, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUIMARÃES, Daniela de Oliveira. Educação Infantil: espaços e experiências In: CORSINO, Patrícia (org.). **Educação Infantil**: cotidiano e políticas. São Paulo: Editores Associados, 2009.

IJUÍ. Secretaria Municipal de Educação. **Referencial Curricular**

Municipal (RCM). Educação Infantil: tempo e espaço de ser criança – proposta curricular. Ijuí, RS: Smed, 2014.

LLENAS, Anna. **O monstro das cores. 16ª edição. Nuvem de Letras, 2022.**

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.